

Evidências sintáticas e prosódicas para o estudo dos sujeitos pré-verbais em PE

Isabel Mascarenhas
FCSH-UNL/CLUL

Introdução

Propostas recentes sobre a sintaxe das línguas de sujeito nulo divergem no que diz respeito à posição dos sujeitos pré-verbais. Para o PE, Costa e Duarte (2002) Costa (2004), entre outros (e. g. Ambar, 1992; Martins 1994), defendem a análise clássica da posição de Spec,IP, enquanto Barbosa (1995) e (2000) defende que os sujeitos pré-verbais não-quantificados estão sujeitos a deslocação à esquerda clítica.

No que diz respeito aos dois primeiros autores, Costa e Duarte (2002) com base em estudos anteriores, apresentam três tipos de argumentos que se relacionam i) com a concordância, ii) com questões sintáticas, iii) com questões de interpretação, para concluírem que, para a generalidade dos sujeitos pré-verbais, a análise de Barbosa não é a mais adequada, existindo, segundo os autores, alguns casos, nomeadamente o das estruturas de elevação, que devem apresentar uma representação com deslocação à esquerda. Em Costa (2004), o autor, mais uma vez com base em estudos anteriores, fornece argumentos a favor de que os sujeitos pré-verbais do PE ocupam uma posição-A, o que é problemático para a análise de Barbosa, visto que o autor põe em causa a generalização que defende que esse facto é impossível nas línguas de sujeito nulo.

De acordo com Barbosa, os constituintes deslocados à esquerda e os Tópicos formam um Sintagma Entonacional isolado, encontrando-se numa posição externa a IP. Partindo do pressuposto de que a próclise é a primeira derivação para a ordem dos clíticos e de que a ênclise é uma derivação alternativa que só ocorre quando a próclise não é possível, i. e., quando o clítico se encontra no início de um sintagma entonacional, a autora defende que existem dois tipos de sujeitos pré-verbais. Uns caracterizam-se por serem deslocados à esquerda, apresentando uma fronteira de sintagma entonacional entre o sujeito e o verbo, fronteira essa que dependendo de questões como débito, ritmo, estilo e duração do constituinte pode vir a ser eliminada por simplificação. Este tipo de sujeitos desencadeia ênclise, visto o clítico não se poder encontrar em posição inicial de um sintagma entonacional, pois violaria, assim, uma restrição comum para outras línguas¹ e defendida pela autora para o PE. O segundo tipo de sujeitos pré-verbais ocorre com próclise e pode ser analisado como uma instância de movimento de foco para uma posição A-barra, não apresentando nunca fronteira maior de sintagma entonacional entre o sujeito e o verbo. Estão neste caso os sujeitos pré-verbais quantificados.

¹ Lei de Tobler-Mussafia aplicável, segundo a autora, ao Francês antigo e a outras línguas medievais.

Acrescente-se que Barbosa (2000) afirma que a existência ou não de fronteira não serve para distinguir os dois tipos de sujeito. Note-se que a autora defende uma regra de reajustamento prosódico de simplificação de sintagma entonacional. Neste caso, a fronteira de dois sintagmas entonacionais inicialmente separados pode ser removida de forma a constituir um único sintagma entonacional, estando esta simplificação relacionada com a extensão do constituinte, com o débito e estilo, entre outros factores.

No que diz respeito ao tipo de fraseamento entre o sujeito e o verbo em PE, Elordieta e al. (2003)², comparando sujeitos não-quantificados do Português Europeu da região de Lisboa e do Espanhol³, avaliam o peso medindo a duração – número de sílabas – em interacção com a complexidade sintáctica – ramificação. Os autores, que não só fizeram estudo de sujeitos mas também de objectos, referem que, em relação à primeira destas línguas, a quase totalidade dos dados observados mostrou não existir nenhuma fronteira maior de sintagma entonacional entre o sujeito pré-verbal e o verbo, estando o aparecimento desta fronteira relacionado com o peso fonológico do constituinte. Desta forma, para a variante de Lisboa, o tipo de fraseamento sujeito verbo dominante para os sujeitos não ramificados curtos e longos, e sujeitos ramificados curtos é (SVO), i. e., toda a frase se encontra no mesmo sintagma entonacional. Segundo os autores, só com sujeitos ramificados longos é que o padrão de fraseamento (S)(VO) se torna relevante, existindo, neste caso, uma fronteira maior entre o sujeito e o verbo.

Objectivo

O objectivo deste estudo é testar se há evidência prosódica que sustente a proposta de Barbosa (2000) e verificar se, para além do peso fonológico do sujeito, avaliado em termos de ramificação e duração, existem outros factores, tais como categoria sintáctica do sujeito e a posição na frase, que possam influenciar o tipo de fraseamento entre este e o verbo. Além disso, mostrar-se-á que a análise de Barbosa pode suscitar problemas a nível sintáctico que ainda não foram referidos na literatura da área.

Metodologia

Os materiais seleccionados (554 frases lidas por falantes de Lisboa) foram recolhidos dos subcorpora EUROM1, Bdfala e Bdpúblico pertencentes aos corpora de fala do laboratório de língua falada do INESC-ID/CLUL e do INESC-ID. Os dois primeiros subcorpora foram recolhidos com o objectivo de fornecer contextos que possibilitassem o estudo de certas questões da fonologia do Português⁴, e o segundo teve como objectivo

² (cf. Frota e Vigário (2003))

³ As autoras apresentam para o estudo da variante do Português estudada frases do tipo:

A loura mirava morenos. – Sujeito não-ramificado curto.

A boliviana falava do namorado – Sujeito não ramificado longo

A nora da mãe mirava velhinhas lindas – Sujeito ramificado curto

⁴ Tais como sandhis, e redução vocálica.

ser usado para outros fins, nomeadamente em sistemas de reconhecimento de fala contínua não dependentes do orador e baseados num vocabulário alargado.

A opção por um corpus deste tipo e não de um gravado expressamente para o efeito está relacionada com o facto de estas grandes bases de dados serem polivalentes, visto, em geral, serem recolhidas para finalidades diferenciadas, tais como reconhecimento e síntese de fala, tendo por essa razão maiores dimensões, envolvendo maior número de informantes e maior diversidade de dados. Sendo o conjunto de dados mais diversificado, encontraremos uma menor possibilidade de enviesamento de dados, visto haver uma maior possibilidade de anulação, por exemplo, de estratégias individuais, susceptíveis de mascarar os resultados finais,

Durante a fase de selecção de materiais verificou-se que seria útil considerar outros aspectos para além dos que constavam nos estudos prosódicos dos autores acima referidos. Desta forma, para além de frases contendo sujeitos idênticos aos utilizados nos trabalhos destes autores, foram escolhidas outras em que os sujeitos contemplavam outros aspectos que se pensa serem importantes para este estudo, tais como:

1 – Categoria do sujeito: para além dos nomes comuns foram escolhidas frases que apresentavam pronomes – pessoais e demonstrativos – por estes serem tendencialmente mais curtos, e nomes próprios constituídos por uma única palavra prosódica.

2 – Sujeitos longos, apresentando alguns coordenação e enumerações. Estes últimos apresentam, em geral, um elevado número de sílabas (o maior com trinta e duas).

3 – Acrónimos, tais como Fiat, Mague, etc.. Sujeitos com uma palavra prosódica.

4 – Siglas, tais como PS, KLM, etc.. Sujeitos com mais de uma palavra prosódica.

5 – Sujeitos quantificados. Este tipo de sujeitos permitiria verificar, pela sua comparação com os não-quantificados, se haveria evidência prosódica que permitisse saber qual das duas propostas sintácticas para a posição dos sujeitos pré-verbais defendidas para o Português Europeu seria mais adequada. Também neste caso, foram escolhidas frases que apresentavam, dependendo das restrições do corpus, este tipo de sujeitos com diferentes extensões.

6 – Sujeito em posição inicial ou medial de enunciado. Por posição inicial entendeu-se posição inicial absoluta de frase ou de enunciado, i. e., primeiro constituinte. Por posição medial entendeu-se que o sujeito apesar de pré-verbal não estava no início do enunciado. Se o enunciado apresentasse outra frase com o sujeito como primeiro constituinte, facto que não aconteceu, este sujeito seria marcado de outra forma. Note-se que, neste caso, o valor da percentagem de frases com sujeitos nesta última posição era muito menor do que aquelas em que estes ocorriam em posição inicial.

Posteriormente, as frases escolhidas foram etiquetadas manualmente a vários níveis – nível do segmento, nível da palavra e nível do tipo de fronteira. Construiu-se uma base de dados que, para além deste tipo de informação, continha, ainda, informação sobre o sujeito: posição na frase, categoria, língua (se era português, estrangeiro comum ou não comum), se era simples ou coordenado, se era quantificado ou não, o número de sílabas e o número de palavras prosódicas e, ainda, a descrição das categorias sintácticas dos itens que formavam o sujeito. Para além desta informação sobre o sujeito, foi

também marcado o início e o fim de frase, de forma a poder ser calculada a velocidade de elocução.

No que diz respeito ao tipo de fronteiras, considera-se que de um ponto de vista prosódico não são apenas as pausas (períodos de silêncio no tempo) que contam. Importam também, ou mesmo sobretudo, os alongamentos e as rupturas melódicas, i. e., descontinuidades a nível de F0.

Distinguíram-se, por essa razão, três classes de sujeitos de que podemos ver exemplos nas figuras 1, 2 e 3. A classificação destas três classes de sujeitos foi feita com base em critérios auditivos e de descontinuidades a nível da curva de F0.

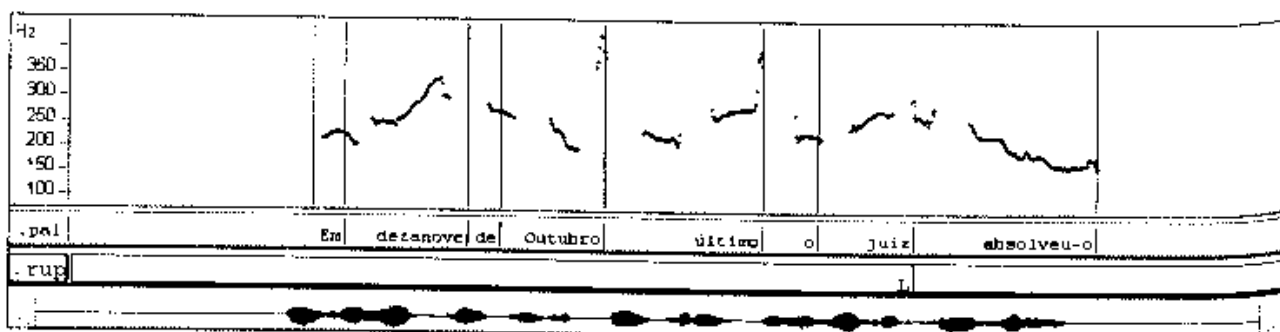


Fig. 1 – Exemplo de ocorrência de sujeito em que não existe fronteira entonacional entre o sujeito e o verbo.

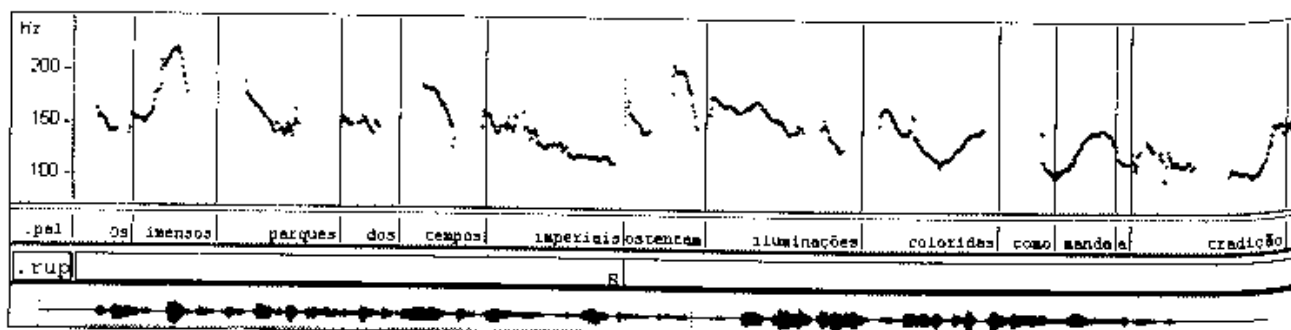


Fig. 2 – Exemplo de ocorrência de sujeito com fronteira entonacional sem pausa.

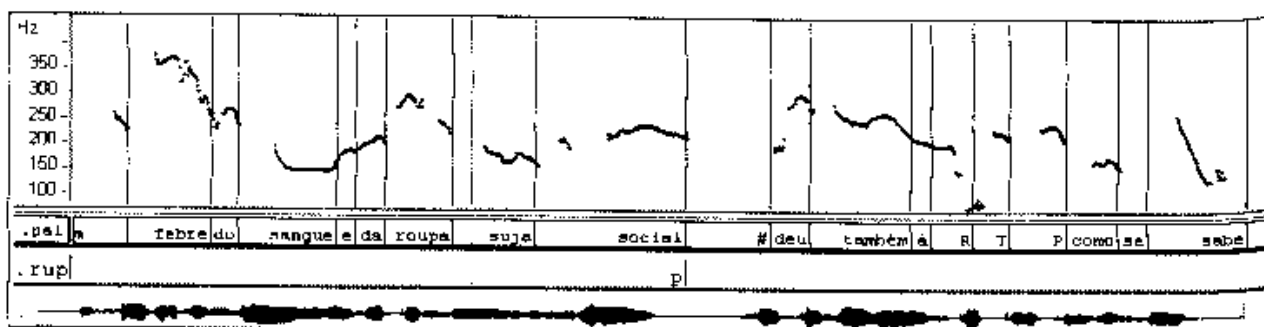


Fig. 3 – Exemplo de ocorrência de sujeito com fronteira entonacional com pausa

(1) a classe dos sujeitos ligados, i. e., sujeitos em que não é ouvida nenhuma ruptura, não apresentam alongamentos finais, nem discontinuidades a nível de F0. Estes sujeitos foram marcados com – L (cf. Figura 1)

(2) a classe dos sujeitos cuja fronteira direita se caracteriza por uma ruptura rítmica e/ou melódica sem pausa. Sujeitos marcados com – R (cf. Figura 2)

(3) a dos sujeitos que apresentam uma ruptura rítmica e/ou melódica com pausa. Sujeitos marcados com – P (cf. Figura 3)

Sujeitos quantificados e não-quantificados

No que diz respeito aos resultados, o Quadro 1 apresenta os valores de percentagem de ocorrência dos diferentes tipos de fronteira para a totalidade dos sujeitos observados.

TIPO DE SUJEITO	Ligado	Ruptura	Pausa
Quantificados	39,5	51,2	9,3
Não-Quantificados	14,5	63,0	22,5

Quadro 1 – Percentagens de ocorrência dos diferentes tipos de fronteira para a totalidade dos sujeitos observados

Ao observarmos este quadro, verificamos que existe, de facto, uma diferença entre sujeitos quantificados e não quantificados. A percentagem de sujeitos quantificados ligados é bastante superior à dos não-quantificados da mesma classe, o que poderia parecer, numa primeira abordagem, suportar a hipótese de Barbosa. Porém, a percentagem de sujeitos quantificados que apresentam uma ruptura melódica com e sem pausa é superior a metade, sendo o valor da percentagem dos sujeitos com pausa de 9,3%. Note-se que este valor põe em causa a análise de Barbosa (2000) que afirma que os sujeitos pré-verbais quantificados não constituem um sintagma entonacional à parte, i. e., não existe uma fronteira maior entre o sujeito e o verbo.

Por outro lado, o facto de a diferença de ocorrências, relativamente aos sujeitos com e sem pausa, apresentar um valor tão elevado, pode ser explicado pela existência, no corpus, de uma percentagem bastante mais elevada de monossílabos e dissílabos nos sujeitos quantificados, na sua quase totalidade pronomes (*todos, ambos, ninguém, etc*) do que nos não-quantificados. Esta diferença é de 49,33% vs 13,46%, respectivamente.

Por essa razão, se, apenas forem considerados os sujeitos pronominais em ambos os tipos de sujeito, as diferenças entre eles esbatem-se. Enquanto no Quadro 1 os não-quantificados apresentam mais 25% de rupturas com e sem pausa do que os quantificados, essa diferença reduz-se agora para 8,2% como o Quadro 2 mostra.

Note-se que só os sujeitos quantificados apresentam ruptura com pausa, o que seria estranho se adoptássemos a hipótese de Barbosa (2000).

TIPO DE SUJEITO	Ligado	Ruptura	Pausa
Quantificados	63,0	34,8	2,2
Não-Quantificados	54,8	45,2	–

Quadro 2 – Percentagens de ocorrência dos diferentes tipos de fronteira para os sujeitos pronominais (número de sílabas < 3) em todas as posições.

Outro dos factores que podemos apontar como causa desta diferença de valores de percentagem entre sujeitos quantificados e não-quantificados que se encontra no Quadro 1 está relacionado com a extensão do sujeito, visto haver mais sujeitos com elevado número de sílabas nos não-quantificados do que nos quantificados. Elordieta et al. (2003) e Frota e Vigário (2003), entre outros, defendem que os efeitos de peso (designadamente da extensão em número de sílabas) são determinantes no fraseamento dos sujeitos. Esse efeito pode ser observado no Quadro 3.

TIPO DE SUJEITO	nº sílab	Ligados	Ruptura	Pausa
Quantificados	<3	66,7	33,3	–
	3-5	22,2	44,4	33,4
	6-7	25,0	62,5	12,5
	>7	–	88,2	11,8
Não-quantificados	<3	39,7	52,4	7,9
	3-5	16,4	74,3	9,3
	6-7	9,8	70,6	19,6
	>7	0,8*	45,3	53,9

Quadro 3 – Percentagens de ocorrência dos diferentes tipos de fronteira, em função da extensão do enunciado em número de sílabas.

Neste quadro, podemos verificar que, embora a ocorrência absoluta de sujeitos ligados seja superior no caso dos sujeitos quantificados, a extensão do sujeito em número de sílabas parece ser um factor preponderante, uma vez que a percentagem de sujeitos ligados se reduz, em ambos os casos, à medida que aumenta a sua extensão em número de sílabas⁵, sendo uma regra quase-categórica a não existência de casos de ligação quando este número é superior a 7 (*0,8 corresponde a um só caso: um sujeito de 9 sílabas.)

⁵ Note-se que neste quadro, no que diz respeito aos não-quantificados, os sujeitos com menos de três sílabas também incluem sujeitos não pronominais

Contudo, esta tendência para uma maior probabilidade de ocorrer fronteira entonacional com e sem pausa para os sujeitos quantificados muda completamente se for tida em consideração a posição que o sujeito ocupa na frase – inicial (I) ou medial (M). (cf. Quadro 4)

TIPO DE SUJEITO	Posição	Ligados	Ruptura	Pausa
Quantificados	I	36,4	59,1	4,5
	M	87,5	12,5	–
Não-quantificados	I	51,4	48,6	–
	M	71,4	28,6	–

Quadro 4 – Percentagens de ocorrência dos diferentes tipos de fronteira para os sujeitos pronominais (número de sílabas < 3) em função da posição na frase: inicial (I) e medial (M).

Como este quadro mostra, em posição inicial a tendência é exactamente a inversa, uma vez que são os sujeitos quantificados os que apresentam as percentagens mais elevadas de ruptura entonacional com e sem pausa. Já em posição medial, ambos os tipos de sujeito tendem fortemente a frasear com o verbo.

Podemos mais uma vez verificar que a ocorrência de fronteiras com pausa só ocorre nos sujeitos quantificados, permitindo-nos, ainda, observar que esta ocorrência só se verifica em posição inicial de frase. Como foi atrás referido, este facto seria de estranhar se adoptássemos a análise de Barbosa.

Note-se, contudo, que, enquanto no caso dos sujeitos não quantificados, o número de ocorrências em posição inicial e medial é muito equilibrado, o mesmo não acontece com os não-quantificados, em que se observa uma proporção de um para cinco, o que, em termos de análise global, tende a obscurecer a natureza dos factos.

Se os resultados forem devidamente ponderados tendo em conta o número relativo de ocorrências em cada caso, torna-se evidente que o fraseamento dos sujeitos depende da interacção de um conjunto de factores como o peso fonológico medido em duração e complexidade sintáctica, a categoria sintáctica e a posição na frase, cuja importância relativa importará vir a determinar com maior rigor. Para esse efeito, será certamente desejável vir a alargar o corpus de modo a equilibrar o número de ocorrências de estruturas com diferentes categorias e pesos fonológicos em diferentes posições na frase. Os dados disponíveis, correspondentes às frases já trabalhadas, apontam já, contudo, para o esbatimento (ou mesmo anulação) das diferenças sistemáticas encontradas no fraseamento que poderiam suportar a hipótese de Barbosa (2000).

Sujeitos não-quantificados

Vejamos agora quais os resultados encontrados no que diz respeito unicamente aos sujeitos não-quantificados. No quadro 1 podemos observar o valor da percentagem de cada uma das classes de sujeito para a sua totalidade. No que diz respeito ao peso destes

sujeitos medido em extensão (número de sílabas) e complexidade sintáctica (ramificação), o valor das percentagens encontra-se no Quadro 5, em que os resultados dizem respeito à interacção entre o número de sílabas e a ramificação.

TIPO DE SUJEITO	nº sílabas	Ligados	Ruptura	Pausa
ramificados	<3	–	–	–
	3-5	0.0	100	0.0
	6-7	8.7	69.6	21.7
	>7	0.8	45.3	53.9
não-ramificados	<3	39.7	52.4	7.9
	3-5	18.6	74.3	7.1
	6-7	0.0	90.0	10.0
	>7	–	–	–

Quadro 5 – Percentagens de ocorrência dos diferentes tipos de fronteira em função da extensão do enunciado em número de sílabas.

Não é possível observar o que acontece com os ramificados curtos porque ou não existem ou, então, porque, no caso dos sujeitos com um número de sílabas de três a cinco, o número de ocorrências é muito pequeno e todos apresentam ruptura sem pausa. Contudo, é um facto que, para o dialecto de Lisboa aqui considerado, só no caso dos ramificados com mais de sete sílabas é que se encontra um número significativo de rupturas com pausa (53.9%), i. e., mais de metade, não havendo ocorrências de sujeitos com este número de sílabas nos não-ramificados. Como foi já referido, à medida que aumenta a extensão do sujeito, diminui a possibilidade de este ser fraseado conjuntamente com o verbo.

Como foi atrás dito, não são só as pausas que marcam rupturas maiores, devido aos alongamentos e descontinuidades a nível de F0. Se considerarmos que, de facto, é a presença/ausência de uma ruptura rítmica e/ou melódica com ou sem pausa que define o fraseamento, então a fronteira é de sete sílabas tanto para os ramificados como para os não ramificados e a extensão do enunciado parece sobrepor-se à complexidade sintáctica⁶.

Como foi referido, procurava-se saber se a categoria sintáctica do sujeito e a posição que este ocupa no enunciado são também factores importantes para o tipo de fraseamento entre o sujeito e o verbo. O Quadro 6 apresenta os valores de percentagem de ocorrência dos diferentes tipos de fronteira em função da categoria do sujeito.

⁶ Estes resultados coincidem com os encontrados em Elordieta e al. (2003) e Prota e Vigário (2003).

TIPO DE SUJEITO	Posição	Ligados	Ruptura	Pausa
Pronome	I	51,4	48,6	–
	M	71,4	28,6	–
Nome Comum	I	16,8	76,0	7,2
	M	38,1	61,9	–
Nome Próprio	I	7,9	74,6	17,5
	M	25,0	62,5	12,5
Siglas	I	–	92,8	7,2
	M	33,3	50	16,7
Acrónimos	I	20	70	10
	M	–	–	–

Quadro 6 – Percentagem de ocorrência dos diferentes tipos de fronteira em função da categoria sintáctica do sujeito.

Podemos observar que os sujeitos pronominais são mais frequentemente fraseados com o verbo do que os Nomes Comuns, facto que pode não estar só relacionado com a categoria sintáctica mas também com a extensão⁷. Por sua vez, estes últimos aparecem mais frequentemente ligados ao verbo que os Nomes próprios, e siglas. Já no que diz respeito aos acrónimos, estes apresentam um comportamento semelhante ao dos nomes comuns. À excepção das siglas e acrónimos, também se verifica idêntica progressão em posição medial de frase. Nesta posição, como já foi mencionado, o fraseamento do sujeito com o verbo é muito mais frequente.⁸

Problemas Sintácticos da análise de Barbosa

Se a análise de um corpus deste tipo não é tão directa e clara como a de um corpus construído para ser usado unicamente com uma determinada finalidade, visto introduzir desequilíbrios que não ocorrem neste último, a sua maior diversidade é também uma vantagem para a despistagem de factores actuantes e de estruturas possíveis. Se não se tivesse optado por este tipo de corpus, possivelmente não se teria pensado na existência

⁷ As percentagens foram calculadas para sujeitos com um número de sílabas inferior ou igual a cinco.

⁸ Deve-se acrescentar que em dois sujeitos se notou uma clara tendência para a ocorrência de rupturas, sobretudo sem pausa. Note-se que um destes informantes apresentava um débito um pouco mais elevado que o outro, não ocorrendo, contudo um número mais reduzido de pausas. As rupturas do segundo informante eram porém, mais marcadas do que as do primeiro. Estes dois informantes apresentam uma estratégia comum, encontrada, também, em alguns dos outros informantes, i. e., a de produzir a fronteira entre sujeito verbo com uma ruptura sem pausa. Cremos que este tipo de estratégia possa estar ligada ao facto de se tratar de fala lida. Será, por essa razão, necessário analisar fala espontânea destes informantes para saber, até que ponto, neste tipo de fala, estamos perante o mesmo tipo de estratégia, i. e., se a percentagens de ocorrência de rupturas sem pausa se mantêm, ou não.

de sujeitos coordenados mistos e nos problemas que este tipo de sujeitos suscitam para a análise de Barbosa. Como é o caso da frase em (1):

- (1) Todos os estudos e a tutela da implementação do projecto vão ficar na dependência do Ministério do Planeamento e de João Cravinho.

A análise de Barbosa apresenta, ainda, problemas relacionados com questões sintáticas, i. e., esta análise não pode explicar uma frase com um sujeito coordenado em que o primeiro membro da coordenação seja um SN quantificado e o segundo não.

Se considerarmos a análise de Barbosa, o sujeito desta frase não pode ter o primeiro membro da coordenação em Spec,IP, uma posição A-barrada gerada por movimento segundo a autora, e o segundo membro deslocado à esquerda, visto, na estrutura, esta posição ser superior à primeira. Em contrapartida, a análise que defende a posição de Spec,IP para todos os sujeitos pré-verbais dá perfeitamente conta deste tipo de frases.

É, no entanto, necessário verificar, em primeiro lugar, se, na referida frase, “todos” tem um comportamento de quantificador. Martins (1994), definindo os traços semânticos de quatro itens, “alguns”, “poucos”, “muitos” e “todos”, refere que as expressões quantificacionais diferem das expressões referenciais por não denotarem entidades e das expressões de cardinalidade por se aplicarem a conjuntos previamente estabelecidos e expressarem proporções. Segundo a autora, estas expressões distribuem-se no que diz respeito aos traços “específico” e “referencial”. Relativamente a “todos”, a autora classifica-o de [+ específico] e [- referencial], sendo por isso um quantificador. A autora acrescenta que, no caso de “todos”, os factos são mais complexos, pois este item também não está isento de ambiguidade. Mostra, então, recorrendo às frases de (2) que esta expressão pode ter duas leituras.

- (2) a) Todos os meus amigos pintaram a casa.
b) Pintaram a casa todos os meus amigos.

Segundo a autora, estas frases mostram que, em posição pós-verbal, “todos” recebe preferencialmente uma leitura de grupo, i. e., “uma certa casa foi pintada por todos os meus amigos”, enquanto a frase 2a) assera que “cada um dos meus amigos pintou a sua casa”, i. e., tem uma leitura distributiva, sendo neste caso um quantificador e ocorrendo com próclise. Quando apresenta uma leitura grupal, a ordem escolhida será a ênclise. Assim sendo, se o “todos” da frase (1) tiver uma leitura grupal, não se comportará como um quantificador, logo os dois termos da coordenação seriam não-quantificados e, se ocorresse com um clítico, a ordem seria a ênclise.

Vejamos, agora, a frase (2a) quando ocorre com um clítico como acontece em (3):

- (3) a) Todos a pintaram.
b) * Todos pintaram-na.
c) Todos os meus amigos a pintaram.
d) * Todos os meus amigos pintaram-na.

As frases (3b e d), tanto na leitura de “todos” distributiva como na grupal são agramaticais, sendo boas as frases que apresentam a próclise.

Veja-se agora o que acontece se o peso do sujeito for aumentado. Frases em (4):

- (4) a) Todos os viram.
 b) * Todos viram-nos.

 c) Todos os alunos os viram.
 d) * Todos os alunos viram-nos.

 e) Todos os alunos e o professor de matemática os viram.
 f) */? Todos os alunos e o professor de matemática viram-nos.

 g) Todos os alunos da turma A e o professor de matemática os viram.
 h) */? Todos os alunos da turma A e o professor de matemática viram-nos.

Também nestas frases podemos ter uma leitura grupal ou distributiva de “todos”, e a próclise continua a ser a melhor opção. Verifica-se, ainda, que, quando o sujeito é muito extenso, a frase em que ocorre a ênclise não é tão agramatical, sobretudo se for realizada com pausa. Frota e Vigário (96) referem que é possível ocorrer ênclise em contextos em que deveria ocorrer próclise desde que ocorra uma fronteira de sintagma entonacional entre o desencadeador de próclise e o clítico. Contudo, o que estas frases mostram não é só isso. Se é um facto que a aceitabilidade das frases com ênclise aumenta à medida que a probabilidade de ocorrer uma fronteira de sintagma entonacional cresce, dependendo do peso fonológico do constituinte com função de sujeito, não deixa de ser verdade que a próclise é sempre gramatical. Ora, sendo a frase realizada com pausa, o clítico encontra-se no início de um sintagma entonacional, o que seria um problema para a análise de Barbosa.

Contudo, se as frases de (4) ocorrerem com um constituinte depois do verbo, verificamos que as frases com ênclise se tornam melhores, como é mostrado em (5):

- (5) a) Todos os viram na biblioteca.
 b) * Todos viram-nos na biblioteca.

 c) Todos os alunos os viram na biblioteca.
 d) * Todos os alunos viram-nos na biblioteca.

 e) Todos os alunos e o professor de matemática os viram na biblioteca.
 f) ? Todos os alunos e o professor de matemática viram-nos na biblioteca.

 g) Todos os alunos da turma A e o professor de matemática os viram na biblioteca.
 h) ? Todos os alunos da turma A e o professor de matemática viram-nos na biblioteca.

O facto de, também neste caso, as frases com ênclise se aceitarem melhor à medida que o constituinte com função de sujeito aumenta em extensão, reforça a ideia de que o que está em causa na ocorrência de “todos” com ênclise não tem a ver com o tipo de leitura deste item, visto estas frases poderem ter ambas as leituras referidas, mas com questões relacionadas com o peso fonológico dos constituintes.

Troquemos, agora, a ordem dos coordenados como se mostra nas frases em (6) e (7) e vejamos se os juízos de gramaticalidade sofrem alguma alteração:

- (6) a) O professor e todos alunos os viram.
 b) * O professor e todos os alunos viram-nos.
- c) O professor de matemática e todos os alunos os viram.
 d) *O professor de matemática e todos os alunos viram-nos.
- e) O professor de matemática e todos os alunos da turma A os viram.
 f) ? O professor de matemática e todos os alunos da turma A viram-nos.
- (7) a) O professor e todos alunos os viram na biblioteca.
 b) * O professor e todos os alunos viram-nos na biblioteca.
- c) O professor de matemática e todos os alunos os viram na biblioteca.
 d) O professor de matemática e todos os alunos viram-nos na biblioteca.
- e) O professor de matemática e todos os alunos da turma A os viram na biblioteca.
 f) O professor de matemática e todos os alunos da turma A viram-nos na biblioteca.

Mais uma vez podemos verificar que os juízos de gramaticalidade parecem condicionados por questões relacionadas com peso fonológico, não só pela extensão do sujeito, mas também pelo facto de ocorrer um constituinte à direita do verbo. Note-se que, quando o sujeito coordenado apresenta em primeiro lugar o membro não-quantificado da coordenação, existe uma maior aceitação das frases com ênclise. No entanto, a análise desta questão requer um tratamento mais sistemático e aprofundado, com recurso a testes formais, e possivelmente com o controlo de outras variáveis, tais como a idade do informante. Contudo, podemos, desde já, concluir que os traços relativos aos dois coordenados são copiados não sendo relevantes para impedir a coordenação, i. e., desta forma, os dois coordenados funcionam como tal e não como um simples que adquira o estatuto de quantificado ou de não quantificado de acordo com os traços do primeiro membro da coordenação.

Conclusão

Os resultados apresentados neste estudo permitem perspectivar as seguintes conclusões:

a) não parece haver evidência prosódica que nos leve a defender a análise da deslocação à esquerda clítica para os sujeitos pré-verbais em Português Europeu. Elordieta e al. (2003) também defendem a análise de Spec,IP, por esta estar mais de acordo com os dados recolhidos relativamente à variante normativa da região de Lisboa.

Na verdade, o que parece ser crucial para o fraseamento dos sujeitos num Sintagma Entonacional é o peso fonológico, medido em duração e complexidade sintáctica, independentemente de ser quantificado ou não, em interacção com outros factores, tais como categoria sintáctica e posição na frase. Estes factores parecem de alguma forma aumentar o peso do constituinte.

b) a proposta de Barbosa não se pode aplicar a todo o tipo de sujeitos pré-verbais que podem ocorrer em Português Europeu, nomeadamente a sujeitos coordenados com o primeiro membro da coordenação quantificado e o segundo não. Conforme foi mostrado nas frases com clítico, este tipo de sujeitos mantém sempre o seu estatuto de coordenado, não se podendo alegar que se comporte como um quantificado ou como um não-quantificado em conformidade com os traços do primeiro membro da coordenação. Verificou-se, ainda, que, ao contrário do que Martins (1994) afirma, a aceitabilidade das frases com ênclise não está relacionada com o tipo de leitura do quantificador, visto nas duas leituras possíveis das frases de (3) só a próclise poder ocorrer. O que parece realmente estar em causa para a maior aceitabilidade destas frases são questões de peso fonológico dos constituintes.

c) de acordo com Frota e Vigário (1996), quando o sujeito é muito extenso, pode ocorrer ênclise num contexto de próclise, sobretudo se a frase for realizada com pausa, i. e., desde que ocorra uma fronteira de sintagma entonacional entre o desencadeador de próclise e o clítico. Contudo, como se pode ver nos nossos dados, a frase em que ocorre a próclise não é agramatical, tendo sido considerada a mais correcta por alguns falantes. Assim sendo, o clítico encontra-se no início de um sintagma entonacional, facto que representa um problema para a análise de Barbosa (2000) que é construída com base na restrição que o proíbe. Note-se que a autora afirma que o critério da pausa não serve para distinguir os dois tipos de sujeito, defendendo, com base, segundo afirma, em trabalhos de Dresher (1993), uma regra de reajustamento que, em certas condições relacionadas com a extensão do sujeito, débito, ritmo, etc, pode eliminar uma fronteira de sintagma entonacional.

No que diz respeito aos sujeitos quantificados, a autora afirma que estes resistem a uma reestruturação de fronteira de sintagma entonacional.

Assim sendo, a análise defendida por Costa e Duarte (2002) e Costa (2004) entre outros parece estar mais de acordo com os nossos dados, opção que, como foi atrás referido, também já foi escolhida por Elordieta (2003) com base nos dados recolhidos para a variante normativa da região de Lisboa.

Referências

- Alexiadou and Anagnostopoulou (1998), Parametrizing Agr: Word order, verb- movement and EPP-checking. In *Natural Language And Linguistic Theory* 16:3 491-539
- Ambar, (1992), Para uma sintaxe da Inversão Sujeito-verbo em Português. Dissertação de doutoramento, Universidade de Lisboa
- Barbosa (1995), Null Subjects, Dissertação de Doutorado, MIT
- Barbosa (2000), Clitics: A window into the Null Subject Property, in *Portuguese Syntax*, editado por João Costa, Oxford, 2000
- Costa e Duarte (2002), Preverbal subjects in null-subject languages are not necessarily left-dislocated. In *Journal of Portuguese Linguistics*, 159-176
- Costa (2004), Subject Positions and Interfaces: The Case of European Portuguese, *Studies in Generative Grammar* 73, Mouton de Gruyter, Berlin, 2004
- Elordieta e al. (2003), Subjects, Objects and Intonational Phrasing in Spanish and Portuguese comunicação apresentada no Glow de 2003
- Frota e Vigário (1996), "On weight Effects in European Portuguese" Comunicação apresentada no workshop do GLOW sobre Efeitos de Peso, Atenas.
- Frota e Vigário (2002), Efeitos de peso no Português europeu, in Mateus, Correia, (eds), *Saberes do Tempo. Homenagem a Maria Henriqueta Costa Campos*. Lisboa: Colibri, 315-333.
- Frota e Vigário (2003), The Intonation of Standard and Northern European Portuguese. *Journal of Linguistics* 2-2, 115-137.
- Martins (1994), Clíticos na História do Português, dissertação de Doutorado em Linguística Portuguesa, Universidade de Lisboa.